

MATERNIDADE E NEURODIVERGÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE DESAFIOS FAMILIARES NO CUIDADO DE CRIANÇAS COM ALTO NÍVEL DE NECESSIDADE DE SUPORTE¹

MOTHERHOOD AND NEURODIVERGENCE: A STUDY ON FAMILY CHALLENGES IN CARING FOR CHILDREN WITH HIGH LEVELS OF SUPPORT NEEDS

Maressa Morais Lima²
Maria Eduarda Lino da Serra³
Osvaldo José Sobral⁴

RESUMO

A maternidade de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em nível 3 de suporte representa um desafio intenso que demanda reorganização da dinâmica familiar e pode impactar significativamente a saúde mental das mães. Este estudo tem como objetivo compreender as vivências de mães de crianças com TEA nível 3 de suporte, explorando os aspectos emocionais, sociais e psicológicos relacionados ao cuidado, bem como identificar estratégias de enfrentamento e analisar os efeitos dessa condição nas relações familiares. A pesquisa adota metodologia qualitativa de caráter exploratório e descritivo, fundamentada em revisão bibliográfica sistemática de artigos científicos, livros e publicações acadêmicas recentes sobre maternidade atípica e autismo severo. Os resultados evidenciam que as mães enfrentam sobrecarga emocional, estresse elevado, renúncias profissionais e sociais, além de sentimentos de insegurança, ansiedade e isolamento, fatores que afetam diretamente a qualidade de vida familiar. Observa-se ainda que o acesso limitado a serviços especializados e a insuficiência de políticas públicas contribuem para agravar o cenário de vulnerabilidade. Conclui-se que é necessário ampliar redes de apoio psicológico, social e clínico, bem como desenvolver políticas públicas inclusivas que assegurem suporte contínuo às famílias. A pesquisa contribui para a construção de um olhar mais sensível e humanizado sobre a maternidade neurodivergente, favorecendo práticas de cuidado integradas e a promoção da qualidade de vida.

Palavras-chave: maternidade; neurodivergência; desafios familiares; crianças; níveis de suporte.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Mais - UniMais, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharéis em Psicologia, no segundo semestre de 2025.

² Discente do 10.º Período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Mais - UniMais. E-mail: maressademora@aluno.facmais.edu.br

³ Discente do 10.º Período do Curso de Psicologia do Centro Universitário Mais - UniMais. E-mail: mariaserra@aluno.facmais.edu.br

⁴ Professor-Orientador: Psicólogo. Especialista em Docência Universitária. Mestre em Educação. Docente do Centro Universitário Mais - UniMais. E-mail: osvaldojose@facmais.edu.br

ABSTRACT

Motherhood of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD) at support level 3 represents an intense challenge, demanding the reorganization of family dynamics and significantly impacting maternal mental health. This study aims to understand the experiences of mothers of children with severe ASD, exploring the emotional, social, and psychological aspects of caregiving, as well as identifying coping strategies and analyzing the effects of this condition on family relationships. The research adopts a qualitative, exploratory, and descriptive methodology, based on a systematic literature review of scientific articles, books, and academic publications addressing atypical motherhood and severe autism. Results show that mothers face emotional overload, high levels of stress, professional and social renunciations, as well as feelings of insecurity, anxiety, and isolation, factors that directly affect family quality of life. Furthermore, limited access to specialized services and insufficient public policies aggravate vulnerability. It is concluded that expanding psychological, social, and clinical support networks, as well as developing inclusive public policies to ensure continuous family support, is essential. The study contributes to building a more sensitive and humanized perspective on neurodivergent motherhood, promoting integrated care practices and improving quality of life.

Keywords: motherhood; neurodivergence; family challenges; children; levels of support.

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve como delimitação do tema a relação entre maternidade e neurodivergência, enfocando os desafios familiares no cuidado de crianças com alto nível de necessidade de suporte. Para tanto, o projeto de pesquisa que originou este TCC partiu da seguinte questão-problema: Como as mães neurodivergentes vivenciam os desafios e as estratégias de enfrentamento ao cuidar de seus filhos com autismo severo, e de que maneira essas condições influenciam na dinâmica familiar?

Para responder a esta problematização foram propostos dois objetivos gerais: I. identificar as vivências, os obstáculos e as abordagens de enfrentamento que mães vivenciam ao cuidar de filhos com transtorno do espectro autista nível 3 de suporte, considerando os impactos na saúde emocional, na dinâmica familiar e no desenvolvimento da criança; II. contemplar os efeitos sobre a dinâmica familiar e o desenvolvimento das crianças, além de identificar métodos que possam aprimorar a qualidade de vida das mães e informar políticas públicas e práticas de apoio mais humanizadas e eficazes. E ainda foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: 1) investigar como mães neurodivergentes vivenciam a maternidade de crianças com autismo nível 3 de suporte, explorando os aspectos emocionais, sociais e psicológicos envolvidos; 2) fornecer *insights* para o desenvolvimento de políticas públicas e intervenções que promovam acolhimento, suporte emocional e a inclusão social dessas mães e de seus filhos; 3) avaliar a influência na dinâmica familiar a fim de compreender como a neurodivergência afeta as interações familiares e o desenvolvimento das crianças com TEA Nível 3 de suporte.

Nessa perspectiva, foi elaborada a hipótese de que os desafios enfrentados por mães de crianças com TEA de nível 3 de suporte impactam significativamente a saúde mental, as relações familiares e a inserção social materna, devido à sobrecarga emocional e à insuficiência de apoio especializado. Esta hipótese sugere que existem fatores específicos relacionados à neurodivergência dos filhos que contribuem para uma carga significativa nas mães, incluindo a exigência de cuidados intensivos e a falta de suporte adequado. Ela busca compreender como tais fatores influenciam negativamente diversos aspectos da vida pessoal, familiar e social dessas mulheres. A expectativa foi de que a investigação dessa hipótese comprovasse a urgência de ações interdisciplinares e políticas públicas direcionadas, que oferecessem suporte efetivo às mães e famílias de crianças com autismo severo, além de destacar os principais elementos responsáveis pela sobrecarga materna e suas consequências no bem-estar.

Para responder à questão-problema, alcançar os objetivos propostos e confirmar essa hipótese, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica, tendo como principais fontes artigos científicos, livros e publicações acadêmicas acerca da temática investigada. Assim, a abordagem qualitativa permitiu uma compreensão aprofundada acerca, sobretudo, das experiências humanas no contexto da maternidade neurodivergente, favorecendo a análise de significados e vivências subjetivas.

Os critérios de inclusão para a seleção das obras contemplaram estudos que abordaram a maternidade atípica e os desafios enfrentados na vida de uma família que possui filhos no TEA Nível 3 de suporte. Por meio deste percurso metodológico, buscou-se ampliar a compreensão sobre essas vivências, bem como utilizar referenciais teóricos atualizados, no intuito de se produzir um conhecimento o mais aprofundado possível a respeito deste tema.

Essa revisão bibliográfica possibilitou, também, a identificação de padrões nos processos da quebra de expectativas, bem como a análise das diferentes formas de enfrentamento adotadas pelas mães neurotípicas. Foram investigados, ainda, os fatores que influenciam os desafios familiares enfrentados, tais como o suporte social, suporte emocional e os aspectos culturais envolvidos.

Este estudo buscou explorar em referenciais teóricos atualizados as vivências de mães e famílias de crianças com TEA nível 3 de suporte, considerando aspectos como o estresse parental, a sobrecarga emocional, as demandas de cuidado e o impacto nas relações familiares. A expectativa foi a de discutir estratégias de enfrentamento e suporte emocional, social e clínico disponíveis para essas famílias.

Nessa perspectiva, foram investigadas as obras dos seguintes autores: Andrade e Rodrigues (2010); Campos e Soares (2005); Cuvero (2008); Fávero-Nunes e Santos (2010); Ebertb, Lorenzinic e Silva (2015); Lipp (2005); Mendonça (2019); Monteiro *et al.* (2008); Schmidt (2004); Schmidt e Bosa (2007); Schmidt, Dell'aglio e Bosa (2007); Sifuentes e Bosa (2010); Smeha e Cesar (2011); entre outros. E, nesta configuração, este artigo científico de revisão narrativa foi desenvolvido mediante a seguinte estruturação: maternidade neurodivergente; desafios familiares no cuidado de crianças com alto nível de necessidade de suporte; e as considerações finais.

2. MATERNIDADE NEURODIVERGENTE

A maternidade é uma experiência complexa e multifacetada que se torna ainda mais desafiadora quando envolve a criação de crianças neurodivergentes, especialmente aquelas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em grau severo.

Segundo o DSM-5-TR: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5.^a Edição - Texto Revisado, o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades significativas na interação social, na comunicação, além de comportamentos repetitivos e restritos. A Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2022) se baseia neste manual e em alguns critérios que são usados para estabelecer o diagnóstico do TEA. Estes critérios são periodicamente atualizados com o objetivo de aprimorar a precisão do diagnóstico e possibilitar uma melhor compreensão do grau de severidade do transtorno. Eles servem de base para determinar as necessidades de intervenções terapêuticas e serviços de apoio adequados.

De acordo com Schmidt (2004) e Ebert, Lorenzinic e Silva (2015), apesar de o TEA contar com indicadores para seu diagnóstico, com sinais e sintomas peculiares a esse transtorno, as mães de crianças autistas podem enfrentar dificuldades para obterem a confirmação diagnóstica de seu filho, custando a elas a peregrinação por diversos serviços e profissionais de saúde. Geralmente, são as mães que identificam algum problema, buscam o tratamento, acompanham seus filhos, tornam-se responsáveis pela administração das prescrições médicas e precisam enfrentar e manejar as reações da criança em seu dia a dia.

Nesse entendimento, Najar e Kurtz (2011) objetivaram compreender como as mães de crianças com TEA vivenciam a maternidade. As autoras convocaram para a pesquisa quatro mulheres com filhos na faixa etária infantil que apresentaram diagnóstico de TEA. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente e analisadas conforme a Análise Textual Qualitativa. Para tanto, foram investigadas as histórias das quatro mulheres, abrangendo as suspeitas iniciais em relação ao autismo dos filhos, o momento da confirmação do diagnóstico, a realidade atual da criança e as expectativas das mães em relação ao futuro. Assim, essa pesquisa permitiu contribuir para os estudos em psicologia e, a partir disso, pensar em estratégias práticas para melhorar a realidade em foco e consequentemente minimizar a complexidade das vivências maternas.

As autoras afirmam que os resultados apontam que esta vivência é uma experiência desafiadora. As mães renunciam à carreira profissional, à vida social e às relações afetivas em prol dos cuidados maternos, surgindo consequentemente sentimentos como incerteza, tristeza e desamparo. As autoras concluem que é necessário possibilitar a estas mães um espaço onde elas possam ser escutadas, trocarem experiências e amenizarem suas angústias e ressaltam que a psicologia pode funcionar como rede de apoio a estas mulheres e que pode contribuir para a preservação da saúde mental de famílias que possuem um componente com diagnóstico de TEA nível 3 de suporte.

Diante dessas questões teóricas e de reflexões, principalmente, acerca do envolvimento materno, essas autoras nos auxiliam a compreender como as mães de crianças com autismo percebem suas vivências com relação à maternidade, e, mais especificamente, elucidar os sentimentos que perpassam essa trajetória, desvelar as especificidades da rotina de cuidados com a criança autista e, por fim,

entender como o acesso à rede de apoio pode repercutir nas vivências da maternidade.

Também, relacionados à necessidade de dar a palavra às mães para melhor compreender suas vivências, os autores Christmann *et al.* (2017) objetivaram avaliar o estresse e verificar a percepção que as mães possuem sobre a relação entre estresse e necessidade de cuidado dos filhos. Estes autores elaboraram uma pesquisa na qual participaram 23 mães de crianças com TEA que frequentavam uma instituição escolar. Elas responderam o Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de LIPP (ISSL), que confirmou a alta prevalência de estresse (73,9%), com maioria dos sintomas psicológicos (64,7%). Elas também responderam a uma entrevista semidirigida, através da qual se identificou que mais da metade considera muito difícil ter um filho com TEA. Foi atribuída relação direta entre os cuidados necessários com a criança e o estresse experienciado.

A pesquisa trouxe à tona reflexões sobre fatores importantes associados ao estresse e à saúde mental das mães. A definição de estresse, de acordo com Lazarus e Folkman (1984), enfatiza a relação entre a pessoa e o ambiente, levando-se em conta, por um lado, as características da pessoa e, por outro, a natureza do evento ambiental. Consequentemente, o estresse constitui-se em um processo no qual o indivíduo percebe e reage a situações consideradas por ele como desafiadoras, que excedem seus limites e ameaçam o seu bem-estar. Lipp (2005) entende o estresse como uma reação do organismo a situações extremamente difíceis e excitantes. Estas alterações envolvem reações fisiológicas no organismo diante de demandas que exigem maior energia adaptativa para restabelecer o equilíbrio interno e a interpretação do indivíduo sobre os eventos experienciados.

Avaliando especificamente mães, Schmidt e Bosa (2007) encontraram que os altos níveis de estresse estão relacionados com o excesso de demanda de cuidados diretos do filho, com o isolamento social e com a escassez de apoio social. Christmann *et al.* (2017) identificaram que as atividades de vida diária, como: vestir-se, fazer a higiene e sair sozinho, e as dificuldade de comunicação da criança estão entre as variáveis que mais contribuem para a sobrecarga das mães. Além disso, o alto nível de dependência de apoio da família e a carência de outras provisões de apoio geram intenso sentimento de insegurança, ansiedade e temores em relação à condição futura da criança com TEA, afetando a família como um todo.

Esse trabalho foi extremamente relevante para a realização deste artigo científico, pois destacou a importância de desenvolver intervenções que favoreçam a adaptação das famílias frente às demandas de cuidado de crianças com TEA nível 3 de suporte, além de incentivar a criação de uma rede social de apoio que contribua para a melhoria da qualidade de vida das mães.

Nessa mesma direção, Mendonça (2020) traz um olhar sensível ao universo da neurodiversidade na obra “Neurodivergentes: Autismo na Contemporaneidade”. A autora nos convida a uma jornada de compreensão e desmistificação do autismo no cenário atual, explorando a neurodiversidade e os desafios enfrentados por pessoas, crianças e familiares de TEA, incluindo aquelas com autismo nível 3 de suporte. Mendonça (2020) enfatiza aspectos como: comunicação, identidade e inclusão no espectro autista e apresenta uma visão aprofundada sobre o conceito de neurodiversidade, destacando como ela influencia a percepção do TEA na sociedade contemporânea. Esta autora explora a relação entre autismo e comunicação, mostrando os desafios enfrentados por indivíduos com TEA nível 3 de suporte que podem ter dificuldades significativas na interação social e na expressão

verbal. Ela destaca estratégias para melhorar a inclusão e a qualidade de vida dessas pessoas, abordando tanto o papel da família quanto o impacto das políticas públicas.

Ao longo da obra, Mendonça (2020) destaca o “autismo severo” como um dos maiores desafios dentro do espectro. Aborda questões como dificuldades na comunicação e acrescenta que essas pessoas podem apresentar barreiras na linguagem verbal e não verbal, exigindo abordagens específicas para facilitar a interação. Esses dados são relevantes, pois nos trazem uma visão ampliada dos desafios maternais ao lidar com filhos com TEA nível 3 de suporte. A autora aborda, ainda, como o autismo severo afeta a dinâmica familiar, exigindo suporte emocional e estrutural para os cuidadores e prioriza a necessidade de políticas públicas que garantam suporte adequado para indivíduos com TEA, incluindo acesso à educação e serviços especializados.

Um dos maiores méritos da obra de Mendonça (2020) reside na sua habilidade de pulverizar as imagens simplistas e muitas vezes equivocadas que cercam o TEA em todos os seus níveis. Longe de ser uma condição homogênea, a autora nos apresenta um espectro vasto e multifacetado. Assim, cada indivíduo neurodivergente possui uma experiência única, o que quer dizer que cada autista tem suas próprias habilidades, desafios e formas de interagir com o mundo. Essa abordagem nos lembra da importância de olhar para além dos rótulos e reconhecer a individualidade de cada pessoa.

Esse contexto exige uma reavaliação profunda da dinâmica familiar e do papel da maternidade. Quando o TEA é classificado como severo (nível 3 de suporte), os desafios são ainda mais intensos e complexos, impactando de forma significativa a saúde mental dos cuidadores, a qualidade de vida da família e a própria estrutura das relações afetivas e sociais dentro do lar.

Segundo Smeha e Cezar (2011) mães de crianças com TEA passam por um processo que vai desde a resistência inicial até em perceber a diferença e afirmá-la para si, visualizando o contraste existente entre o filho sonhado e o filho real, e entendendo que essa criança, em decorrência de suas limitações, não poderá ser conforme ela esperava. Já Sifuentes e Bosa (2010) conceituam que esse contraste pode evidenciar-se ainda mais pela especificidade de demanda da criança com TEA, como dificuldades na realização de tarefas próprias de sua fase de desenvolvimento, com aumento de seu nível de dependência, impondo maiores exigências às mães.

Enfim, Monteiro *et al.* (2008) apontam que a mãe da criança com TEA se dedica ao filho de tal forma que passa a relatar o cotidiano do filho como seu próprio cotidiano, focando na intensa dedicação e prestação desses cuidados. E os autores Najar e Kurtz (2011) afirmam que são as mães que mais sofrem ajustes de planos e expectativas em sua vida pessoal e podem apresentar maior incidência de estresse e depressão.

2.1 Impacto da maternidade atípica no autoconceito materno

Para Borges *et al.* (2025), em diferentes culturas, a figura materna é idealizada, o que pode gerar pressões sociais para que as mulheres se enquadrem em um padrão de cuidado que muitas vezes não é realista. Isso pode levar ao esgotamento e a sentimentos de inadequação, uma vez que a realidade e desafios diários nem sempre correspondem às expectativas projetadas pela sociedade.

Os mitos sobre a beleza da maternidade são em parte desconstruídos a partir do conhecimento dos conflitos vivenciados nessa fase tão marcante na vida da mulher, quando a realidade é trazida de maneira extremamente racional, pondo de lado toda emoção e buscando a fundo, através dos estudos científicos, os que se distanciam cada vez mais do idealismo de gerar um filho (Silva, 2020).

Consoante Piccinini (2008), na gravidez ocorrem mudanças biológicas, somáticas, psicológicas e sociais que influenciam a dinâmica psíquica individual e as demais relações sociais da gestante, e a maneira como ela vive estas mudanças repercute intensamente na constituição da maternidade e na relação mãe-bebê.

Para Alves (2012), o luto pelo filho perfeito constitui uma vivência silenciosa e, em grande parte das vezes, pouco reconhecida socialmente. Não se trata da morte concreta da criança, mas da ruptura de expectativas: a perda da imagem idealizada do filho sonhado, planejado ou imaginado. Quando os pais recebem um diagnóstico ou percebem que o desenvolvimento do filho não corresponde ao modelo que haviam concebido, frequentemente emergem sentimentos de dor intensa, acompanhados, em muitos casos, de culpa e frustração. Quando morre o filho idealizado, surge a dor, a angústia, o desespero, o medo, a tristeza: o luto. O filho está lá, é outro, completamente diferente do que foi desejado, mas está lá, e o casal (muitas vezes somente a mãe) não tem autorização para chorar e ficar de luto pelo filho que morreu. As pessoas ao redor cobram ações e atitudes, indiferentes ao conflito de sentimentos dos pais. “É como se um pedaço dos nossos sonhos se perdesse com a ilusão do filho idealizado” (Mercante, 2024, p. 125).

Frente a isso, Lima *et al.* (2020) expõem que o impacto diagnóstico nos pais pela perda desse filho idealizado é carregada de sentimentos controversos, onde, por exemplo, muitas mães podem até não conseguir cuidar dos seus filhos frente a essa nova realidade do autismo, podendo sentir angústia, culpabilização e até negação, fazendo com que algumas famílias procurem outras opiniões médicas, na espera de receberem uma outra resposta.

2.2 A invisibilidade social das mães neurodivergentes

Segundo Santos (2023), a representação da vivência da maternagem para mães de pessoas com TEA é polarizada: em um extremo, representada pela imagem da “mãezinha azul”⁵, a mãe dedicada, altruista e abnegada, além de guerreira e merecedora de grande admiração. No outro “extremo” temos outra imagem, ainda em construção, que começa a ser delineada por mães que rejeitam aquela imagem e preenchem a maternagem também com militância, além de tornarem visíveis os muitos desafios que enfrentam, tendo pouco ou nenhum suporte político e de rede de apoio.

Em contrapartida, Vale *et al.* (2025) destacam que o cuidar do outro ainda é visto como um dom que nasceu com as mulheres. Tal percepção as tornam cada vez mais invisibilizadas, não somente pelo poder público e pela sociedade, mas dentro de suas próprias casas, onde seus familiares enxergam o trabalho das mães cuidadoras como ato comum à sua condição feminina.

Ser mãe atípica é um desafio para o qual ninguém está preparado. Não é igual, nem mais fácil do que uma maternidade neurotípica, é apenas diferente.

⁵ O termo surgiu em comunidades e redes sociais como uma forma carinhosa de se referir às mães de pessoas autistas, simbolizando aquelas que vivem no chamado “mundo azul”, representação afetiva do universo do autismo. Nessas comunidades, essas mães adotam o termo para expressar amor, luta, acolhimento e orgulho por seus filhos autistas.

Conforme Mercante (2024), nada te prepara para ser mãe atípica, mas ser uma mãe atípica te prepara para tudo. Além de viver no limite da exaustão, tem que conviver com o preconceito, capacitismo, *bullying*, discriminação e trato desigual que, em outras situações, são verdadeiras violências físicas e psicológicas.

O cotidiano dessas mães envolve sobrecarga e múltiplas responsabilidades. Como enfatiza Mercante (2024), a “mãe de autista” não pode ficar doente; não pode ficar cansada; não pode ir às compras; nem mesmo tomar um banho um pouco mais demorado, o que muitas vezes, torna-se um desafio, porque não tem com quem deixar o filho. Elas vivem sempre preocupadas com todas as demandas que precisam atender. Saem da clínica pós-terapia com um turbilhão de informações e comandos que têm que aplicar em casa, tendo a responsabilidade de sempre policiar e corrigir os comportamentos dos filhos em tempo integral e, ainda mais difícil, é policiar e corrigir seus próprios comportamentos para que não atrapalhem na evolução dos filhos.

Essa sobrecarga impacta diretamente na saúde mental. O nível de estresse experimentado por mães de pessoas com TEA assemelha-se ao estresse crônico apresentado por soldados combatentes, segundo estudo com famílias norte-americanas, divulgado no *Journal of Autism and Developmental Disorders* (Gaúcha, 2023). Assim como um soldado em combate, mães atípicas vivem em rotinas intensas e persistentes, com grandes desafios, o que pode ser esgotante e o que merece uma atenção especial já que elas são tão “invisibilizadas”.

3. DESAFIOS FAMILIARES NO CUIDADO DE CRIANÇAS COM ALTO NÍVEL DE NECESSIDADE DE SUPORTE

A experiência de cuidar de uma criança com necessidades especiais impacta diretamente a dinâmica familiar, exigindo adaptações emocionais, sociais e estruturais. Compreender essas vivências é essencial para desenvolver estratégias de apoio adequadas, tanto para os familiares quanto para os profissionais que atuam nessa área.

Para Fávero-Nunes e Santos (2010), os profissionais de saúde infantil podem não estar sensibilizados para a importância da detecção precoce do TEA, o que minimizaria efeitos negativos presentes e futuros. Andrade e Rodrigues (2010) complementam afirmando que o desconhecimento dos profissionais acerca do TEA, além de levar a diagnósticos tardios, afeta a sociedade como um todo, gerando preconceito e julgamentos equivocados que acabam por prejudicar a vida das famílias destas crianças. Sendo assim, a classificação atual do TEA, conforme o DSM-5-TR (2022), é dividida em três níveis de suporte, de acordo com a intensidade das dificuldades enfrentadas pelo indivíduo:

- Nível 1 de Suporte: envolve dificuldades sociais mais sutis e necessidade de rotinas, mas o indivíduo ainda mantém certa autonomia.
- Nível 2 de Suporte: caracteriza-se por desafios mais evidentes na comunicação e adaptação, exigindo suporte frequente.
- Nível 3 de Suporte: envolve limitações significativas ou ausência de comunicação verbal, forte resistência a mudanças e necessidade de suporte contínuo e intensivo.

Portanto, as rotinas das mães e famílias neurodivergentes também são definidas pelas necessidades e demandas de cuidado com o filho autista. De acordo com Cuvero (2008), as mães relatam um prejuízo em sua vida social e na carreira

profissional, tendo, frequentemente, que abandonar o emprego para cuidar do filho. Schmidt e Bosa (2007) relatam existir uma expectativa por parte da sociedade de que, mais que os pais, as mães assumem para si a responsabilidade dos cuidados com a criança. Além disso, existe o sentimento de desamparo das mães em relação aos maridos ou pais, demonstrando o anseio de que eles assumam uma responsabilidade conjugada pelos cuidados com o filho.

Mães e famílias de filhos com TEA nível 3 de suporte têm de redimensionar as expectativas quanto ao futuro da criança e quanto ao próprio futuro, já que a demanda de cuidados pode gerar perdas e empobrecimento na vida social, afetiva e profissional dessas mulheres. Esse redimensionamento das atividades cotidianas por parte de familiares de pessoas com algum tipo de deficiência, o qual causa impactos econômicos, práticos e emocionais, é chamado de “sobrecarga familiar”, do inglês *family burden*. Para Platt (1985 *apud* Campos; Soares, 2005, p. 222), esse termo se refere à presença de problemas, às dificuldades ou eventos adversos que afetam significativamente a vida dos familiares e corresponde ao elemento de sofrimento explicitamente atribuído ao paciente.

3.1 Impactos socioeconômicos na família em função da necessidade do cuidado intensivo da criança neurodivergente

O cuidado intensivo exigido por crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3, caracterizado pela necessidade de suporte substancial e contínuo, impõe às famílias uma série de desafios socioeconômicos que afetam, diretamente, tanto a organização financeira quanto a dinâmica de vida cotidiana.

Um estudo conduzido pelo Instituto Pensi (2024), em parceria com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) e Universidade de São Paulo (USP), evidencia que famílias com filhos autistas gastam três vezes mais do que famílias típicas. O mesmo levantamento apontou que os gastos adicionais podem chegar a R\$ 1.859,00 por pessoa ao mês, considerando despesas relacionadas à alimentação, transporte, educação e saúde.

Esse aumento expressivo nos gastos ocorre em um contexto em que grande parte das famílias brasileiras já enfrenta limitações financeiras significativas. De acordo com o IBGE (2025), o rendimento nominal médio mensal domiciliar per capita foi de R\$ 2.069,00 em 2024. Em cenários como esse, despesas adicionais per capita da magnitude identificada pelo estudo do Instituto Pensi (2024) tornam-se potencialmente “catastróficas”, produzindo desequilíbrio financeiro persistente.

A sobrecarga enfrentada pelos cuidadores de crianças com TEA nível 3, entretanto, não se limita ao campo econômico. Um estudo qualitativo desenvolvido por Guckert, Oliveira e Belaunde (2023) ressalta que os cuidadores vivenciam sobrecarga em virtude das necessidades permanentes do filho com TEA e das condições sociais que limitam seu acesso a serviços de apoio. Essa percepção aponta para a interação entre fatores individuais e estruturais que potencializam o estresse e a vulnerabilidade social da família.

De modo complementar, uma revisão integrativa realizada por Costa, Costa e Coelho (2024, p. 1) destaca que a sobrecarga é multidimensional, abrangendo “impactos emocionais, físicos, sociais e financeiros”. Os autores concluem ainda que altos níveis de estresse, ansiedade e exaustão física afetam de forma significativa a vida dos cuidadores, que também enfrentam prejuízos na vida social e profissional (Costa; Costa; Coelho, 2024). Tais evidências reforçam que o impacto

socioeconômico não pode ser compreendido apenas em termos materiais, mas envolve também a degradação da qualidade de vida e do bem-estar psíquico do núcleo familiar.

Portanto, observa-se que famílias que convivem com crianças diagnosticadas com TEA nível 3 enfrentam uma combinação complexa de sobrecarga financeira e emocional. A conjugação entre gastos elevados, perda de renda — muitas vezes decorrente da necessidade de abandono ou redução da jornada de trabalho por parte de um dos cuidadores — e acesso limitado a serviços de apoio compromete tanto a sustentabilidade econômica quanto a saúde física e mental da família. Dessa forma, o impacto socioeconômico associado ao cuidado intensivo ultrapassa o campo privado e adquire relevância social e política, demandando a formulação de políticas públicas capazes de mitigar desigualdades e ampliar as redes de suporte institucional.

3.2 Repercussões na relação conjugal e nos vínculos familiares

A convivência familiar com uma criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nível 3 acarreta profundas transformações na estrutura afetiva e relacional do casal e dos outros membros da família. Esses impactos se manifestam tanto no campo emocional quanto nas dinâmicas cotidianas, exigindo adaptações que podem fortalecer ou fragilizar os vínculos conjugais e fraternais.

Uma revisão integrativa da literatura, abrangendo estudos publicados entre 2010 e 2020, apontou que o estresse parental é um elemento central nas relações conjugais de famílias com crianças com TEA: “estresse parental é um desequilíbrio vivenciado pelos pais, caracterizado por ser desadaptativo”, sobretudo quando eles não dispõem de recursos suficientes para lidar com as demandas da criança (Machado; Silva; Portes, 2022, p. 250). Esse estresse, por sua vez, reflete diretamente na qualidade da relação conjugal, gerando tensão, conflitos frequentes e desgaste emocional.

Em muitos casos, a forma como as responsabilidades são distribuídas intensifica os atritos na conjugalidade. O diagnóstico de TEA requer decisões constantes sobre terapias, acessos a serviços de saúde e ajustes na rotina, o que pode gerar dificuldades quando o casal não compartilha as mesmas expectativas. De acordo com Leontino e Rodrigues (2025), a divergência em relação às decisões sobre a criação e o cuidado da criança com deficiência é fonte recorrente de conflito conjugal. A falta de alinhamento das estratégias parentais tende a criar distanciamento emocional, prejudicando a coesão do casal.

O impacto do diagnóstico estende-se também às relações entre irmãos. A sobrecarga e a atenção concentrada no filho com TEA frequentemente desviam recursos emocionais, podendo gerar sentimentos ambíguos nos demais filhos. Reis (2025) trouxe um estudo qualitativo que identificou que a presença da criança autista afeta os irmãos de várias formas, sendo algumas delas positivas e outras negativas, como sentimentos de ciúme, abandono e sobrecarga emocional. Esse cenário destaca a importância de promover atenção equitativa para todos os filhos, evitando o desequilíbrio relacional.

A pesquisa de Leontino e Rodrigues (2025, p. 89) ressalta que redes de apoio — familiares, comunitárias e institucionais — são centrais para o fortalecimento da conjugalidade e dos vínculos familiares, revelando que fatores como acolhimento multidisciplinar e suporte social “estão associados à preservação da saúde mental parental” e mitigam sentimentos de isolamento e insegurança. Nesse sentido, o

cuidado compartilhado emerge como estratégia crucial para reduzir a sobrecarga e favorecer a dinâmica familiar.

A promoção de cuidado compartilhado dentro da família amplia a resiliência e a coesão conjugal. Segundo Reis (2025), os efeitos do diagnóstico podem ser suavizados com a atuação conjunta no cuidado, com o apoio da família, bem como pela criação de uma rede de suporte e a disponibilização de orientações e informações tanto para a pessoa com TEA quanto para seus familiares. Essa abordagem reflete uma transição de responsabilidades unilaterais para uma lógica de corresponsabilidade, fortalecendo vínculos afetivos e reduzindo tensões.

As repercussões na conjugalidade e nos vínculos familiares são complexas, multifacetadas, e atravessadas por fatores emocionais, sociais e institucionais. Enquanto a sobrecarga exige cuidado contínuo e reorganização, recursos como apoio social, cuidado compartilhado, comunicação afetiva e suporte multidisciplinar podem configurar alicerces de resiliência familiar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este artigo científico, foi possível considerar a relevância de pesquisas sobre esta temática para mães e famílias neurodivergentes, pois contribui com o desenvolvimento de conhecimento acerca dos desafios enfrentados por familiares de crianças com TEA nível 3 de suporte, contribuindo, também, para a conscientização e a busca por suporte adequado. Além disso, apresentou esclarecimentos a respeito das necessidades específicas deste contexto familiar, permitindo a elaboração de intervenções mais eficazes e humanizadas, evidenciando a necessidade de políticas de apoio às mães e famílias de crianças com TEA nível 3 de suporte, como acesso a serviços especializados, suporte psicológico e programas de inclusão sociofamiliar.

Vale enfatizar que, com o aumento do diagnóstico de TEA e a crescente visibilidade da neurodivergência, há uma demanda por pesquisas que abordam os desafios práticos e emocionais enfrentados por essas famílias, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

Ao investigar esses parâmetros em referenciais teóricos, este estudo pretendeu contribuir para uma compreensão mais profunda das necessidades dessas famílias, promovendo a construção de políticas públicas e práticas profissionais mais empáticas, efetivas e alinhadas à realidade dessas mães e famílias neurodivergentes.

Conclui-se, também, que os estudos sobre essa temática são essenciais para a elaboração e formulação de políticas públicas e programas de apoio direcionados a famílias com crianças neurodivergentes. Compreender melhor os desafios enfrentados por essas mães e famílias permite o desenvolvimento de intervenções mais eficazes e a construção de redes de apoio que realmente contribuam para a melhoria da qualidade de vida das famílias com crianças neurodivergentes.

Finalmente, a necessidade de ampliar o olhar sobre a neurodivergência, buscando desenvolver esta área do conhecimento e estimulando uma compreensão mais inclusiva e bidirecional das dificuldades de comunicação e interação, permite repensar o papel das mães e das famílias no cuidado de crianças com TEA nível 3 de suporte.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Elaine Gomes dos Reis. A Morte do Filho Idealizado. **O Mundo da Saúde**. São Paulo, v. 36, n. 1, p. 90-97, 2012. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/morte_filho_idealizado.pdf. Acesso em: 3 out. 2025.
- ANDRADE, Fabiana; RODRIGUES, Lilian Cavalheiro. Estresse Familiar e Autismo: estratégias para melhoria da qualidade de vida. **Psicologia IESB**, v. 2, n. 2, p. 69-81, 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/428020024/Estresse-Familiar-e-Autismo>. Acesso em: 3 out. 2025.
- APA. American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.
- BORGES, Mikaelly Cavalcanti; MELO, Diego Gomes da Silva; VASSÃO, Elis Madeira Velho; CASTRO, Tatiane Aparecida de. Os Desafios da Maternidade Atípica: uma análise clínica. **UniSanta Humanitas**. Santos, v. 14, n. 1, p. 37, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unisanta.br/HUM/article/view/2670>. Acesso em: 3 out. 2025.
- CAMPOS, H. P. F.; SOARES, C. B. Representação da Sobrecarga Familiar e Adesão aos Serviços Alternativos em Saúde Mental. **Psicologia em Revista**, v. 11, n. 18, p. 219-237, 2005. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/233/243>. Acesso em: 22 mar. 2023.
- COSTA, Francisca de Sousa; COSTA, Maria de Sousa; COELHO, Sarah Ferreira. Análise da Sobrecarga dos Cuidadores de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão integrativa. **Revista FT: Ciências da Saúde**, v. 9, ed. 141, p. 1-12, 12 dez. 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/analise-da-sobre-carga-dos-cuidadores-de-criancas-com-transtorno-do-espectro-autista-tea-uma-revisao-integrativa/>. Acesso em: 3 out. 2025.
- CUVERO, M. M. **Qualidade de Vida em Cuidadores de Crianças e Adolescentes com Autismo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia - MG, 2008.
- EBERTB, M.; LORENZINIC, E.; SILVA, F. E. Mães de Crianças com Transtorno Autístico: percepções e trajetórias. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, n. 1, p. 49-55, 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/viewFile/43623/33312>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- FÁVERO-NUNES, Maria Ângela; SANTOS, Manoel Antônio. Depressão e Qualidade de Vida em Mães de Crianças com Transtornos Invasivos do Desenvolvimento. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, n. 1, p. 1-9, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/RT8LgtBryCbNJ85mRMH7bQG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2025.
- GUCKERT, M. E.; OLIVEIRA, D. C.; BELAUNDE, A. S. Determinantes sociais da saúde e a percepção de cuidadores de crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Distúrbios da Comunicação**. São Paulo, v. 35, n. 1, p. 1-12, 2023.

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/dic/article/view/68308>. Acesso em: 8 set. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Divulga Rendimento Domiciliar Per Capita 2024 para Brasil e Unidades da Federação**. Agência IBGE, 06 mar. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/42761-ibge-divulga-rendimento-domiciliar-per-capita-2024-para-brasil-e-unidades-da-federacao>. Acesso em: 08 set. 2025.

LAZARUS, R. S.; FOLKMANN, S. **Stress, Appraisal and Coping**. Nova York: Springer, 1984.

LEONTINO, Eduarda; RODRIGUES, Fernanda S. O Impacto nas Relações Familiares após o Diagnóstico de TEA: uma revisão da literatura. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, v. 17, n. 51, p. 89-106, mai. 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/98045/59824>. Acesso em: 3 out. 2025.

LIMA, Jhonatan Correia; PESSOA, Rayanne Kelle Moscoso da Veiga; MELO, Uberlane Severina Silva de; PESSOA, Mariana Carvalho. Luto pelo filho idealizado: pais de crianças com TEA. **Anais da XX Jornada de Iniciação Científica**. Recife, nov. 2021.

LIPP, M. **Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos (ISSL)**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MACHADO, Natália Marques; SILVA, Ákysa Ribeiro Inácio da; PORTES, João Rodrigo Maciel. Estresse Parental e Relacionamento Conjugal em Pais de Crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão integrativa da literatura. **Contextos Clínicos**, v. 15, n. 1, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/22938/60749077>. Acesso em: 08 set. 2025.

MERCANTE, Priscila Vieira Costa. **Amor em Silêncio: compreendendo o universo de emoções do autismo não verbal**. São Paulo: Labrador, 2025.

MENDONÇA, Sophia. **Neurodivergentes: autismo na contemporaneidade**. São Paulo: Mandruvá Edição Especiais, 2019.

MONTEIRO, S. F. C., BATISTA M. N. O. D., MORAES, C. C. E., MAGALHÃES, S. T., NUNES, T. V. M. B.; MOURA, B. E. M. Vivências Maternas na Realidade de Ter um Filho Autista: uma compreensão pela Enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 61, n. 3, p. 330-335, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/XRr99TTQVT4JtGW6hSJNNXx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2025.

PENSI. Instituto de Pesquisa e Ensino. **Quanto Custa Criar um Filho com TEA?** São Paulo: Instituto Pensí/FIPE/USP. Publicado em: 13 mar. 2024. Disponível em: <https://institutopensi.org.br/quanto-custa-criar-um-filho-com-tea/>. Acesso em: 8 set. 2025.

PICCININI, Claudia Aparecida; LOPES, Rita de Cássia; GOMES, Alessandra Gasparotto. Gestação e a Constituição da Maternidade. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 1, p. 63-72, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/dmBvk536qGWLgSf4HPTPg6f/#>. Acesso em: 8 set. 2025.

REIS, Mateus Vitor dos. Vista do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Família. **Educação Especial**. Universidade Federal de Santa Maria, 2025. Acesso em: 8 set. 2025.

SANTOS, Maria Cristina Silva dos; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; MOKARIN, Gabriela Brasil. Maternidade ou maternagem: o lugar da mulher no cuidado do filho atípico. **Revista Mosaico. Revista de História**. Goiânia, v. 16, n. 4, p. 151-160, 2023. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/13512>. Acesso em: 8 set. 2025.

SAUERESSIG, Débora. **O que adoece as mães das crianças atípicas não são os filhos, é o sistema**. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2023/10/o-que-adoece-as-maes-das-criancas-atipicas-nao-sao-os-filhos-e-o-sistema-clo332ehw005o015zywbkll5n.html>. Acesso em: 18 set. 2025.

SCHMIDT, Carlo. **Estresse, Autoeficácia e o Contexto de Adaptação Familiar de Mães de Portadores de Transtornos Globais do Desenvolvimento**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, 2024.

SCHMIDT; BOSA, Cleonice. Estresse e Auto-Eficácia em Mães de Pessoas com Autismo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 59, n. 2, p. 179-191, 2007. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v59n2/v59n2a08.pdf>. Acesso em: 3 out. 2025.

SCHMIDT, C.; DELL'AGLIO, D. D.; BOSA, C. A. Estratégias de *Coping* de Mães de Portadores de Autismo: lidando com dificuldades e com a emoção. **Psicologia e Reflexão Crítica**. Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 124-131, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/DTtdLRxCpyZwwCbTZmVCPnb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 out. 2025.

SIFUENTES, M.; BOSA, C. A. Criando Pré-Escolares com Autismo: características e desafios da coparentalidade. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 3, p. 477-485, 2010. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/98805/00076691.pdf?sequence=1>. Acesso em: 2 abr. 2025.

SILVA, Vanessa de Alencar Nascimento da. **A maternidade e sua Repercussão Acerca dos Aspectos Psicológicos na Vida das Mulheres: uma revisão bibliográfica**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K. A Vivência da Maternidade de Mães de Crianças com Autismo. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 1, p. 43-50, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n1/a06vn1>. Acesso em: 2 abr. 2025.

VALE, Michelle de Souza; LIMA, Roberta Enir Faria Neves de; ROCHA, Viviane de Oliveira; FONSECA, Ivanilda da Silva; SILVA, Ronicleia de Oliveira Pereira da; ROSSI, Marivone de Fátima Abitante; SANTOS, Marisete Fernandes dos; SILVA, Larissa Marine Terdulino da. O Cuidar Solitário: desafios enfrentados por mães cuidadoras de crianças com deficiência e transtornos do neurodesenvolvimento. **Revista Foco**, v. 18, n. 6, p. 112, 2025. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/8897>. Acesso em: 8 set. 2025.